

As Cartas de Paraty

Trecho Gratuito - Capítulo 1 completo + início do Capítulo 2

por Pablo R. de Lima

CAPÍTULO 1 – A LIVRARIA E O MAR EM REPOUSO

"Alguns lugares falam baixo. É preciso silenciar por dentro para escutá-los." — Anônimo

Era uma daquelas manhãs em que o mar respirava devagar.

Do lado de dentro da pequena livraria encostada ao cais, o ar cheirava a papel antigo, sal e café morno. Helena passava um pano sobre a bancada de madeira, não por necessidade, mas por um hábito que herdara de Clotilde: o de ocupar as mãos quando o coração silencia demais. A luz atravessava as venezianas em feixes inclinados, iluminando o emaranhado de lombadas tortas nas prateleiras.

A livraria se chamava Mar e Palavra. E, como a maioria das coisas em Paraty, parecia existir fora do tempo.

Clotilde, a tia-avó, estava no quintal, costurando redes sob o alpendre. Dizia que algumas marés sabiam falar com quem as escutasse direito. Helena não duvidava. Não mais.

Foi enquanto organizava uma pilha de livros doados que o encontrou: um exemplar encardido de poemas portugueses, capa azul desbotada, cantos machucados pelo tempo. Ao abrir, algo se soltou entre as páginas. Uma carta.

O envelope já não tinha cola. O papel, amarelado, trazia uma caligrafia inclinada, firme, como quem escreve mais com lembrança do que com tinta:

"Seu Vicente,

Perdoe o atraso da resposta. Não sabia se devia escrever.

As marés mudaram desde a última vez que nos vimos. Mas algumas ausências continuam firmes como pedra.

Espero que o mar ainda lhe faça companhia."

Helena ficou um tempo com a carta nas mãos. Podia ouvir o barulho do mundo lá fora: gaivotas, passos sobre pedra molhada, o tilintar de xícaras na cafeteria da esquina. Mas dentro dela, um silêncio.

Clotilde entrou, enxugando as mãos num pano.

— Achou um segredo? — perguntou, olhando de esguelha.

Helena mostrou a carta.

— Estava dentro daquele livro de poemas.

Clotilde leu rápido, sem fazer perguntas. Depois, apenas disse:

— Cartas sem destino às vezes encontram a gente. Como se soubessem onde pousar.

No fim da tarde, com a loja já fechada e o mar lambendo os degraus da entrada, Helena subiu ao quarto. Pegou um papel. Ficou parada diante da escrivaninha por longos

minutos. O lápis entre os dedos, a folha em branco como um mar que ela não sabia como atravessar. Escreveu, apagou, escreveu de novo.

E por fim:

“A quem escreveu:

Não sou Seu Vicente. Mas li suas palavras como quem escuta o eco de um nome que não lembra mais.

O mar ainda faz companhia. E às vezes, o silêncio também.”

Com cuidado, Alguém do cais

Dobrou a carta. No dia seguinte, antes de abrir a loja, caminhou até a caixa de correio antiga na pracinha. O ferro da tampa rangeu quando ela a ergueu. O som curto, rouco, que parece conter memórias presas. Uma criança passou correndo com um sorvete escorrendo pelas mãos. Helena hesitou. Por um segundo, pensou em guardar a carta de volta na bolsa. Mas então, respirou fundo e deixou o envelope escorregar para dentro.

E voltou sentindo que, de algum modo, algo novo tinha sido costurado no dia.

No quintal, Clotilde seguia com a agulha entre os dedos e o olhar voltado para o mar.

— Tem cartas que voltam pelo vento. E tem redes que puxam memórias sem querer — disse, mais para as ondas do que para a sobrinha.

Helena não respondeu. Mas, naquele fim de tarde, reparou que o mar parecia mais próximo da porta. Como se tivesse ouvido também.

Capítulo 2 - Endereços que Não Existem Mais

Escrever é como lançar uma garrafa ao mar - com fé de que alguém, um dia, encontre a sede certa. - Mia Couto

A manhã começou com vento úmido e folhas grudadas nos paralelepípedos, como pequenos avisos esquecidos pelo tempo. Helena passou pela caixa de correio antiga da pracinha e, mesmo sem intenção, diminuiu o passo...

Gostou do trecho?

Continue a leitura completa em **As Cartas de Paraty** - um romance sobre silêncios, reencontros e tudo aquilo que não coube nas palavras.

Disponível em breve

www.delimapablo.com

Assine a newsletter e receba cartas do autor: delimapablo.com/newsletter